



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III
CURSO DE LETRAS**

MARIA VANESSA DOS SANTOS

DUAS ALMAS? O FENÔMENO DA PERSONALIDADE EM “O ESPELHO”

**GUARABIRA
2017**

MARIA VANESSA DOS SANTOS

DUAS ALMAS? O FENÔMENO DA PERSONALIDADE EM “O ESPELHO”

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.
Área de concentração: Literatura

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Suely da Costa.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237d Santos, Maria Vanessa dos.
Duas almas? [manuscrito] : O fenômeno da personalidade em "O espelho" / Maria Vanessa dos Santos. - 2017.
23 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely Costa, Departamento de Letras - CH."

1. Literatura. 2. Psicologia Analítica. 3. Personalidade.

21. ed. CDD 150.195

MARIA VANESSA DOS SANTOS

DUAS ALMAS? O FENÔMENO DA PERSONALIDADE EM "O ESPELHO"

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.
Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 20/11/2017


BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Suely Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr.ª Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr.ª Maria Neri de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus amados pais, pelo incentivo, doação e
companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida. Que por amor me confiou uma missão e, pela qual, me impulsionou a fazer o trabalho.

À professora Suely pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela cobrança da escrita do artigo.

À Maria das Dores, por ter me acolhido em sua residência durante o primeiro semestre da minha vida acadêmica.

À minha irmã Jaqueline, pelas noites que foi me buscar na parada de ônibus e por ter me dado o melhor presente (Miguel).

Ao meu pai Tarcísio, por ter abdicado do sonho de viver em meio à natureza para morar na cidade, facilitando e garantindo, a minha permanência na Universidade.

À minha mãe Lourdes, pela confiança e credibilidade, pelos encontros, nos últimos meses, no ponto de ônibus.

Aos meus catequizandos e às demais crianças da Mãe da Ternura, que compreenderam a minha ausência nos referidos encontros.

À minha turma 2012.2 por esses anos que passamos juntos, em particular à Audilene, Gercyli e Mayara, pelo carinho e amizade.

À Vera Lúcia, pelas partilhas das dúvidas, sorrisos, preocupações, nervosismo, tudo sobre a escrita dos nossos artigos. Mas, em particular, a certeza de que todo esforço valeria à pena.

Aos meus irmãos Otacílio e Thiago pelos momentos de descontração. Aos meus amigos e irmãos de caminhada na Igreja, pelas orações.

À Aparecida Santos, minha intercessora, amiga-irmã, pela motivação, companheirismo, disposição e paciência.

Sem determinação, inteireza e maturidade não há personalidade.

(Carl Gustav Jung)

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	8
2- A psique: um mundo particular.....	10
3- Individuação, juventude e crise.....	13
4- O Espelho e o confronto com a persona.....	17
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21
ANEXO A – APARELHO PSÍQUICO.....	23

DUAS ALMAS? O FENÔMENO DA PERSONALIDADE EM “O ESPELHO”

Maria Vanessa dos Santos¹

RESUMO

Através da análise do comportamento do protagonista de *O espelho*, de Machado de Assis, sob a perspectiva da Psicologia Analítica, teoria de Jung, o presente artigo objetiva discutir a respeito do processo que engloba o fenômeno da personalidade representado pelo protagonista. A personagem observada (Joãozinho), dependente do *status* que lhe é conferido por causa do cargo ocupado, torna-se, tão somente, “alferes”, esquecendo-se de ser “homem” ao ponto de surtar quando se percebe só. Todo o ocorrido, ou seja, tudo o que é manifestado exteriormente na vida da personagem analisada é consequência de um grande encadeamento psíquico, denominado individuação. A leitura fundamenta-se nas ideias de Jung (1972-1985-2000), as quais são vistas com maior frequência em Hall & Nordby (2000) e, também, em Nise da Silveira (1981), além de Alfredo Bosi (2007), Antonio Candido (2009) dentre outros autores utilizados na discussão. A partir da narrativa em questão, é possível verificar quão difícil é manter-se totalmente equilibrado o tempo todo, tendo em vista que o processo de formação da personalidade (individuação) é contínuo e, apesar de ser inato, sofre influências do meio em que o indivíduo se encontra inserido.

Palavras-Chave: Literatura. Psicologia Analítica. Personalidade.

1 INTRODUÇÃO

É possível ocorrer a confusão entre personagem e pessoa. Portanto, há de se saber que uma personagem é real, apenas, dentro da obra literária, “personagem não existe fora das palavras [...] as personagens representam pessoas, segundo modalidades de ficção” (BRAIT, 1985, p.12). Portanto, elas não têm a função de imitar a vida, mas também, nada tem que as impeça. Na obra, *A personagem de ficção* (2009), Antonio Candido observa que a personagem apresenta papel fundamental no que se refere à composição da obra, porque representa seres humanos, vivendo situações exemplares de um modo exemplar. Assim como os seres humanos, as personagens encontram-se integradas num grande tecido de

¹ Aluna de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: mvanessacdm@gmail.com

valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. O autor constrói um paralelo entre pessoas reais e fictícias, mostrando que a visão que temos de ser humano é sempre fragmentada e limitada, trazendo às personagens uma projeção de visão de mundo ainda mais fragmentada e, então, o ser humano como personagem, é um ser configurado esquematicamente, física e psicologicamente (CANDIDO, 2009).

As personagens machadianas, por exemplo, pertencentes aos romances (*Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás - Cubas*) e contos (*O alienista*, *O enfermeiro*) da fase realista, são dotadas de uma forte carga psicológica. Mestre da arte literária, sensível observador e crítico, ansioso por “desenhar” a realidade do seu tempo, Machado de Assis soube explorar personalidades complexas e diversas. As suas personagens apresentam comportamentos “estranhos” (alucinações, histerias) que, na época em que foram criadas, eram considerados “fora da normalidade”, até mesmo, porque, a Psicologia era uma área ainda limitada, seus estudos abordavam apenas o consciente humano, pois não dispunha de elementos que favorecessem o aprofundamento dos fenômenos psíquicos, por isso, tentava reduzi-los em meros “probleminhas”. Foi apenas em 1890, com o surgimento da Psicanálise, que se iniciou a abordagem do inconsciente. E, conseqüentemente, tais fenômenos (psicológicos, inconscientes) passaram a ser estudados mais a fundo.

Dentre suas obras, uma das personagens intrigantes que possui um comportamento digno de investigação é Jacobina, protagonista do conto *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma*, publicado no livro **Papéis Avulsos**, de 1882, (quase uma década antes do início da abordagem do inconsciente). O enredo é relatado, simultaneamente, por dois narradores, um em terceira pessoa do singular e o outro é o próprio protagonista. De acordo com Brait (1985), enquanto que, o narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo das cenas, o narrador em primeira pessoa utiliza-se da vantagem de personagem comprometida com os fatos que estão sendo narrados.

Em *O espelho*, é Jacobina (personagem central) que, agora, entre seus “quarenta e cinquenta anos” (ASSIS, 2009, p. 80) conta aos amigos um fato ocorrido na juventude. O jovem, Joãozinho, como era chamado, no auge dos seus 25 anos, sensível, de família pobre, passa a ocupar o posto de alferes da guarda nacional. É tamanho o *status* que o posto lhe confere que o rapaz assume uma “personalidade” condizente com o cargo exercido, fazendo-o delirar quando se vê distante dos

olhares bajuladores. Isto é explícito no enredo, porém, causas maiores e internas geram todo este conflito, o qual é perceptível nas atitudes do rapaz, ou seja, o comportamento do mesmo reflete todo um processo que está ocorrendo em sua psique. Tal processo é tão avassalador que dá a impressão de um indivíduo ser dois em um, de ter uma dupla personalidade ou até mesmo “duas almas”. Mesmo sendo um ser fictício, Jacobina apresenta características próprias de um ser humano, mais precisamente de um jovem que passa por um “transtorno”, por está em busca do seu eu, da sua identidade e personalidade.

Portanto, sob alguns pressupostos da Psicologia Analítica, a qual se ocupa “dos fenômenos psíquicos vistos na sua complexidade” (SILVEIRA, 1981, p.34), o presente artigo objetiva discutir a respeito do processo que engloba o fenômeno da personalidade representado pelo protagonista. Optou-se pela já citada abordagem psicológica por identificar, na representação literária, a maior contribuição de seu criador, o psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung, a descoberta de um novo compartimento da psique: o inconsciente coletivo, cujo conteúdo influencia diretamente na personalidade de cada indivíduo. A Psicologia Junguiana, como também é chamada, mesmo não se tratando de um caso verídico, como o de Jacobina, confere maior visibilidade à análise empreendida, gerando assim, uma consciência a cerca do fenômeno da personalidade. O que é bastante viável para tornar clara a existência das “duas almas” posta em discussão na obra.

2 A psique: um mundo particular

Em seu livro *O espírito na arte e na ciência* (1985), Jung afirma a relação existente entre a Psicologia Analítica e a arte, esta, sendo uma atividade psicológica, ou seja, obra proveniente da psique humana cabe ser submetida a uma análise de cunho psicológico. E, o conto é uma narrativa propícia para a já determinada abordagem psicológica, pois é um texto conciso, sucinto. Ele “aparece como uma amostragem, como um flagrante instantâneo [...] Quanto mais concentrado, mais se caracteriza como arte de sugestão” (SOARES, 2007, p.53-54). As próprias características literárias da narrativa possuem um ar misterioso, pois o que acontece

antes ou depois desses “flagrantes” fica na mente do observador (leitor) de fértil imaginação.

Há consciência de que existe um mundo comum a todos, isto é, um lugar onde os seres interagem mutuamente, porém, cada indivíduo tem um mundo dentro de si, “um mundo individual”, que é chamado psique. Originalmente, esta palavra latina designava “alma” ou “espírito”, para evitar ligações tão somente com a religião ou a espiritualidade, tal palavra passou a ser usada com a conotação de mente. Para Hall & Nordby (2000):

A psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos, tanto os conscientes como os inconscientes. Funciona como um guia que regula e adapta o indivíduo ao ambiente social e físico [...] compõe-se de numerosos sistemas e níveis diversificados, porém interatuantes. Podem-se distinguir três níveis na psique. São eles: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Se a psique se abrisse por completo, seria o caos, hermeticamente fechada, estaria estagnada. A personalidade saudável, bem estabilizada, atua numa área intermediária entre os dois extremos (HALL & NORDBY, 2000, p.25-49).

Em outras palavras, é na psique que tudo acontece. O fato de está sujeita a interferências do meio externo, complica e, ao mesmo tempo, facilita no possuir uma personalidade própria. Facilita porque, tornar-se um ser de personalidade é uma tarefa longa e árdua, e estar aberta às exterioridades significa conviver com outras pessoas, outras personalidades, e isso é conhecer-se aos poucos, mesmo ainda não sabendo o que é, mas já está ciente daquilo que não é. Por outro viés, é complicado pelo fato de que, se a personalidade do indivíduo for fraca demais, não há alternativa se não submeter-se a outra mais influente, ou seja, transformar-se no que a sociedade deseja, como veremos ser o caso da personagem Jacobina.

Sobre a personalidade, Jung diz que (1972, p. 156-157):

É a realização máxima da índole inata e específica de um ser vivo em particular. Personalidade é a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isso aliado à máxima liberdade de decisão própria.

Em outros termos, personalidade é a principal realização buscada pelo homem em toda a sua vida, porque é ela a totalidade do ser humano. Na narrativa de “O espelho”, a ideia que introduz o leitor no mundo psíquico de Jacobina é “Cada criatura traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha

de fora para dentro” (ASSIS, 2009, p.81). Tal afirmação sobre a existência de duas almas é um tanto provocativa e profunda, portanto, assistida pela Psicologia Analítica. O homem, desde o nascimento, passa por um caminho evolutivo chamado individuação, necessário para alcançar a tão almejada personalidade. Hall & Nordby (2000, p. 71) definem esse caminho como:

Um processo autônomo e inato, o que significa que não precisa de estimulação externa para começar a existir. A personalidade de um indivíduo está destinada a individualizar-se tão fatalmente quanto o corpo está destinado a crescer.

A meta de tal processo é fazer com que o indivíduo conheça-se o mais profundamente possível. Ele atua conjuntamente com a consciência “que é a única parte da mente conhecida diretamente pelo indivíduo” (HALL & NORDBY, 2000, p.26). Os dois (individuação e consciência) são a base do processo de desenvolvimento da personalidade. Como dito, tal caminho é inerente a todo ser humano, ocorre sem o mínimo esforço do mesmo e, inicia-se no nascimento. Podendo, assim, suceder vários “transtornos” ao longo da vida, pois, na maioria dos casos, esse caminho não tem fim. Um desses transtornos é encontrado na fala do protagonista da obra em estudo que, ao passar por uma crise na época da juventude, leva-o a afirmar a existência, não de uma, mas, de duas almas.

Na Psicologia Junguiana, há uma camada interior da própria psique, na qual se encontra o chamado inconsciente coletivo, o qual foi acatado como um marco decisivo na história da Psicologia mundial. Jung (1972) chama-o de herança psíquica. Este é composto por arquétipos (formas/imagens sem conteúdos) os quais interferem diretamente na formação da personalidade. Dentre eles está a *persona* e o *self*. De acordo com Hall & Nordby (2000, p. 36-43),

A *Persona* [...] dá a um indivíduo a possibilidade de compor um personagem que necessariamente não seja ele mesmo. [...] é a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite. Também pode ser denominada arquétipo da conformidade. O *self* é o principal arquétipo do inconsciente coletivo, assim como o sol é o centro do sistema solar. [...] é o arquétipo da ordem, da organização e da unificação; atrai a si e harmoniza os demais arquétipos [...] une a personalidade, conferindo-lhe um senso de “unidade” e firmeza.

Entende-se, pois que, alma exterior corresponde ao arquétipo da persona. Ela corresponde exatamente à imagem como o indivíduo deseja ser visto, ou como a sociedade almeja vê-lo. No conto em análise, a personagem Joãozinho (como é chamado antes de tornar-se alferes) é mascarada pelas pessoas, não é ele quem coloca a máscara em si, mas a sociedade que o força a usá-la. No caso de Joãozinho sua persona é o alferes, ou melhor, o *status* que a farda lhe garante. A alma interior corresponde ao arquétipo do *self*. Representa aquilo que realmente o indivíduo está em busca, a sua essência, sua identidade. Joãozinho a busca inconscientemente, pois o indivíduo anseia por isso.

3 Individuação, juventude e crise

No início do enredo o autor faz uma alusão aos enigmas da natureza humana referindo-se aos mistérios que envolvem o céu e a terra. A cidade (terra) representa o externo, o visível, o que é passageiro. O céu, propriamente dito, corresponde ao interior, ao oculto, ao eu profundo. No decorrer da narrativa essa dualidade é perceptível, visível/invisível, exterior/interior, ser/parecer. Tanto é que, o cargo exercido por Joãozinho é apresentado em meio a uma complexidade de sensações e sentimentos variados:

Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados [...] alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés [...] Em compensação tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação [...] todo o fardamento me foi dado por amigos. (ASSIS, 2009, p.81)

Nota-se, nesta fala da personagem, que a ocupação do cargo foi “um grande acontecimento” passível de orgulho, alegria, porém, de ressentimento. O certo é que o cargo tão cobiçado trouxe um turbilhão de gostos a serem (e foram) provados pelo rapaz, da solidariedade à inveja. As sensações distintas pedem uma maior atenção por parte do ego, já que este é o responsável de fazer com que a mente não fique sobrecarregada. “É ele o vigia da consciência, “é altamente seletivo” [...] fornece à personalidade identidade e continuidade” (HALL & NORDBY, 2000, p.27). Benignas

ou não, todas as experiências vividas pelo protagonista serão conscientes apenas se o ego permitir.

Nessas questões de formação da personalidade, os pais têm uma parcela de contribuição. Na infância, os sonhos dos filhos são reflexos dos sonhos dos pais. Porém, é a mãe que irá desempenhar um papel decisivo nesse desenvolvimento, considerando que ela “é o primeiro mundo da criança e o último mundo do adulto” (JUNG, 2000, p.103). No caso de Joãozinho, a intromissão da mãe será mais intensa, dado que, não havendo a presença do pai, toda a esperança é depositada na imagem materna. É evidente que os parentes alegraram-se com a notícia, mas isso não exclui “a lei que entrou em vigor” com a aprovação da progenitora, prova disso é que o neo-alferes ignora o fato de não mais ser o filho, mas o alferes. A total aderência à opinião da mãe é uma característica visível do complexo materno, que faz com que o filho enxergue a mãe como aquela que é digna de louvor e compreensão. “Complexos são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade” (SILVEIRA, 1981, p.30). São provenientes do inconsciente pessoal, “lugar” onde o ego descarrega tudo o que ele julga insignificante, ou seja, a junção desses “lixos recicláveis” pode formar um complexo. O materno, por exemplo, quem o tem é sensível ao extremo a tudo o que mãe diz. Observa-se que, em nenhum instante da narrativa, se menciona o nome dessa mãe, porque a palavra “mãe” é embebida de significados, não é substantivo, é adjetivo. Não é uma pessoa, é todo o mundo daquele que por ela foi gerado. Jung (2000) diz que:

Trata-se daquele amor materno que pertence às recordações mais comoventes e inesquecíveis [...] representa a raiz de todo vir a ser e de toda transformação [...] o descanso e o fundamento originário, silencioso, de todo meio e fim. Intimamente conhecida, estranha como a natureza, amorosamente carinhosa e fatalmente cruel – uma doadora de vida alegre e incansável [...] Mãe é amor materno [...] O que mais podemos dizer daquele ser humano a que se deu o nome de mãe, sem cair no exagero, na insuficiência ou na inadequação e mentira – poderíamos dizer – portadora casual da vivência que encerra ela mesma e a mim, toda humanidade e até mesmo toda criatura viva, que é desaparece, da vivência da vida de quem somos os filhos? (JUNG, 2000, p. 101).

O complexo materno não é um vilão, pois faz com que o ser gerado atribua uma maior significação àquela que o deu a vida. Porém, toda essa quase veneração prende mãe e filho de forma negativa. Outro caractere do complexo materno é que “a mãe é procurada inconscientemente “em cada mulher” (JUNG, 2000, p.95), ou

seja, o filho projeta a imagem da mãe em todo ser feminino. Certamente, não encontrando traços maternos na mulher, já se tem a certeza de “não ser a pessoa certa”. É o que, possivelmente, acontece ao protagonista, não se casa. Subtende-se isto nos trechos: “A casa ficava no morro de Santa Teresa” (ASSIS, 2009, p.80) e “Se me replicarem acabo o charuto e vou dormir” (ASSIS, 2009, p.81). Ora, o narrador não menciona de quem é a moradia, no entanto, se fosse propriedade de apenas um dos cinco “investigadores de coisas metafísicas”, não haveria motivo para escondê-lo. O que se agarra ao fato de ter quase meio século de vida dormindo na casa dos amigos. Logo, entende-se que as probalidades de Jacobina ter esposa, filhos, são mínimas.

O fato é que o processo de formação da personalidade somado ao *status* ganhado com a função exercida contribuiu para Joãozinho perder-se de si, e essa perda tornou-se mais evidente quando foi passar um tempo com D. Marcolina, sua tia. O pobre rapaz tenta arrancar a máscara, mas é impedido pelo próprio desejo de usufruir das regalias que o posto lhe confere:

E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes [...] E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes” [...] Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro a ser servido [...] Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples [...] O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções e obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou (ASSIS, 2009, p.82).

Jacobina conta que tentou resistir no início. Mas, confessa que aos poucos deixou-se seduzir pelo tratamento especial que recebia e, contentou-se em ser chamado somente pelo título de alferes. Neste trecho, ao mesmo tempo em que há uma recusa de Joãozinho aos privilégios concedidos a ele devido ao cargo, acontece, aos poucos, uma conformidade, uma aceitação da nova identidade que o querem impor. A idade do rapaz é um fator decisivo no processo de individuação, pois, a juventude é o momento mais crítico, mais arriscado, porque os jovens preocupam-se “com o que possam parecer aos olhos dos outros” (ERIKSON, 1972, p. 129). É a famosa perda de identidade do ego. Embasados nas ideias junguianas, Hall & Nordby (2000) dizem que neste período a pessoa corre o risco de deixar de ser o que ela é para ser aquilo que ela imagina que o outro deseja que seja. Logo,

enxerga-se que, não foi apenas o *status* que fez o rapaz afastar-se daquilo que ele era, a imaturidade da fase juvenil teve sua “parcela de culpa”.

Acontece que o ego demanda de um potencial de energia psíquica que aos poucos vai enfraquecendo, tornando passível certo deslize. O vigia mental não consegue captar e filtrar tantas informações e, acaba deixando chegar à consciência muito material indesejado e fugaz e, tantos outros necessários são reprimidos. O posto, as bajulações, as invidias, a juventude, tudo contribuiu para confundir “o guarda” e introduzir o rapaz em um período conturbado:

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado [...] No final de três semanas, era outro, totalmente outro (ASSIS, 2009, p.82)

O caso agrava-se quando uma filha da sua tia fica gravemente enferma, e D. Marcolina ausenta-se levando consigo o cunhado. Eis, que o novo alferes fica apenas, “com os poucos escravos da casa”, com a missão de cuidar do sítio “escuso e solitário”. Se a alma exterior (persona) já havia reduzido-se com a ausência da tia e do cunhado desta, mais ainda quando viu-se só na manhã seguinte, pois os escravos haviam fugido. A partir daí Joãozinho entra em crise literalmente. Essa crise é a primeira etapa do processo de individuação, conhecida como o desvestimento da persona, atua diretamente na identificação do ego com a persona. Hall & Nordby explicam essa colisão:

Quando um indivíduo deixa-se enlear demais ou se preocupar excessivamente com o papel que está desempenhando, e seu ego começa a se identificar unicamente com tal papel, os demais aspectos de sua personalidade são postos de lado, tal indivíduo governado pela persona torna-se alheio à sua natureza e vive em estado de tensão em razão do conflito entre a persona superdesenvolvida e as partes subdesenvolvidas de sua personalidade. (HALL & NORDBY, 2000, p. 37)

Exatamente o que aconteceu a Joãozinho. Preocupa-se tão somente em ser alferes e acaba esquecendo-se de ser humano, de ser homem, de viver, porque não tem ninguém que o diga como. A fuga dos escravos decorrida com a ausência da tia Marcolina e a solidão que a personagem é obrigada a viver mostra a dependência

que a protagonista desenvolveu do “olhar do outro sobre si”, sem dar-se conta. Cabe salientar que, não era das pessoas que ele sentia falta, mas sim, da reverência que recebia delas.

4 O Espelho e o confronto com a persona

Antes de tornar-se conhecido por sua “alferidade” Joãozinho não havia ficado sozinho para experimentar como seria não ter uma voz que ressoasse “alferes!”. A fuga dos escravos representou “a gota final” para que a neurose de Joãozinho fosse posta em evidência. Suas reações parecem, inicialmente, cooperar para o processo de desvestimento da persona:

Comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular [...] Minha solidão tomou proporções enormes [...] E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. (ASSIS, 2009, p.82)

O comportamento de Joãozinho comprova que ser alferes não é sua verdadeira identidade, pois se o fosse, ele agiria normalmente distante do olhar social. Porém, a reação do alferes, também, mostra a dificuldade da retirada da máscara, se havia incorporado a persona era preciso que houvesse plateia para a sua atuação, não tendo quem o aplaudisse, não poderia começar o espetáculo, pois, o olhar alheio era quem ditava as regras de sua encenação. Ora, se não há nem público nem show, significa que o artista não pode atuar e, sem atuação o alferes não existe. Aqui se aplica a visão de Bosi (2007), “só há consistência no desempenho do papel social; aquém da cena pública a alma humana é dúbia e veleitória” (BOSI, 2007, p.102). Esse é o lado negativo da persona, longe do social não há vida. A imagem que tinha de si era aquela que os outros tinham dele, e o ser “Joãozinho” não mais existia.

Não suportando mais a situação, Joãozinho decide olhar-se no espelho que a tia havia mandado colocar em seu quarto. Porém, olhou-se e recuou, “o próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e

inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra [...] tive medo” (ASSIS, 2009, p. 84). A persona é um arquétipo perigoso, “quanto mais [...] aderir à pele do ator, tanto mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la” (SILVEIRA, 1981, p. 83). Essa etapa se caracteriza pela dor. O que sucede a Joãozinho no momento em que vê sua imagem refletida, Jung (2000) explica que:

Verdadeiramente aquele que olha o espelho [...] vê em primeiro lugar sua própria imagem. Quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo. O espelho não lisonjeia, mostrando fielmente que quer que nele se olhe; ou seja, aquela face que nunca mostramos ao mundo porque a encobrimos com a persona, a máscara do autor. Mas o espelho está por detrás da máscara e mostra a face verdadeira. (JUNG, 2000, p.30)

Fundamentando-se nas palavras de Jung, o espelho não engana. Assim, reproduziu a imagem de Joãozinho tal como ele é, sem enfeites, simples homem. Abalado com a imagem refletida, não conseguindo enxergar a si mesmo com nitidez, o alferes tem a ideia de vestir a farda e defrontar-se novamente com o espelho:

O vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior [...] Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. (ASSIS, 2009, p.85).

Dessa vez a imagem refletida era nítida e com clareza de detalhes e contornos. Recuperando, assim, a “alma exterior” que preenchia sua “alma interior”, Joãozinho conseguiu evitar a solidão nos dias que se passaram. A etapa de desenvolvimento da personalidade é interrompida. A “alferidade” devolvida marca “a fixação segura da máscara, da farda vitoriosa, do papel que absorveu perfeitamente o homem”. (BOSI, 2007, p.102). Porém, o possível triunfo da alma exterior só é real parcialmente. Bosi (2007, p.99-102) ainda observa que:

A farda é símbolo e é matéria do *status* [...] o espelho restitui-lhe a alferidade e Jacobina volta a existir para si próprio [...] Diante do espelho, Jacobina se consagra como em um rito, ao regime da opinião [...] passagem que todo homem deve cumprir: da inexperiência à máscara adulta.

Por ser a farda o cerne do *status*, a alma exterior não é imutável, isto é, o cargo pode cair em desuso. Então, haverá uma nova crise, uma nova oportunidade, de a alma interior ocupar seu lugar. A consagração de Joãozinho é apenas uma farsa. Entretanto, essa “passagem” oculta a existência do jovem, não existe mais filho, nem sobrinho, nem Joãozinho. Apenas, alferes, posto, farda, *status*. Perdeu a chance de desenvolver a personalidade, não pelo fato de a individuação ser um “caminho cheio de mistérios”, mas, porque a imaturidade, a egocentricidade, o preocupar-se excessivamente com a ideia que o outro tem de si, características estas presentes na fase juvenil, impede o indivíduo de ir em busca da sua essência.

A alma exterior volta a imperar na vida do jovem, tudo estaria perdido se extinguisse o fato de a individuação ser um processo contínuo, é para toda a vida. Todas as experiências são válidas, até mesmo as mais frustrantes. Embora diminuam o processo gerador da personalidade, em dado momento, esse processo voltará a acelerar. Para quando, enfim, como diz Silveira (1981), a consciência e o inconsciente conseguirem relacionar-se harmoniosamente e ordenarem-se em torno do *self*, que é o centro da psique, a personalidade do indivíduo completa-se. Assim sendo, o homem será um ser psiquicamente realizado.

No final do conto a tese de Jacobina sobre a existência das duas almas é comprovada. A história contada por ele aos amigos é um alerta aos perigos do excesso de elogio. Pois, mesmo a família tendo “a melhor das intenções”, ao elogiá-lo contribuiu para que ele perdesse, por um tempo, a alma interior (*self*). O Joãozinho, apresentado como um jovem demasiado ligado ao status e prestígio social, ou seja, refém da imagem que o outro projeta dele. Em uma oposição tem-se o Jacobina adulto, descrito como “cáustico e casmurro”, mas que, depois do grande relato da sua juventude retira-se sem esperar por aplausos ou elogios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura é uma fonte inesgotável de aprendizagem e conhecimento, por mais vezes que um texto seja analisado, sob várias perspectivas, terá sempre algo a revelar, assim, em cada tempo e lugar distintos, há possibilidades de lançar um novo olhar para a mesma obra. O texto é vivo, o que permite assumir novas roupagens no decorrer da história. Neste trabalho, a leitura tendo por foco a parceria entre Psicologia Analítica e arte (a obra narrativa, neste caso) possibilita verificar o diálogo existente entre as diferentes áreas do saber. Com efeito, a “divergência” deve ceder lugar à “comunhão”, pois, um fruto (Literatura, Psicologia...) da inteligência humana não necessariamente deve desmerecer o outro; ao contrário, agindo conjuntamente, é possível contemplar o brilho existente em cada um.

Através da discussão empreendida, tomando como base a representação do protagonista do conto *O espelho*, nota-se a complexidade que envolve o fenômeno personalítico, pois, em se tratando da maior realização psíquica humana, atingir a totalidade do ser não é uma tarefa fácil, como bem pontua Jung (1972). A individuação, por si só, já é um processo bastante conturbado, dado que, ele é necessário para atingir a personalidade (*self*), no entanto, o fato de a psique ser relativamente fechada faz com que, além dos problemas internos, Joãozinho sofra com as influências externas. O que provoca-lhe a impressão de ter duas almas que, na realidade, são manifestações do seu inconsciente coletivo que interferem diretamente na personalidade do mesmo, sendo assim, perceptíveis no seu comportamento. A juventude, o posto assumido pela personagem e, conseqüentemente, o *status* causa-lhe demasiada dependência fazendo-o passar por um momento conturbado de descoberta.

As experiências vividas por Joãozinho, o protagonista, atingiram extremos, “da alegria pura e sincera aos invejosos que não mais falaram com o alferes”. E, toda essa “balançada” confunde o ego. Afinal, era um homem (alma interior/*self*) ou um alferes (alma exterior/*persona*)? Apesar das reações favoráveis a retirada da máscara, acontece o inverso, isto é, a chance de não mais ser submisso ao status que o cargo impôs ao jovem converte-se em subsídio para alimentar ainda mais tal dependência, a personagem consagra-se como “*persona*”. Consagração forjada, pois, a individuação é permanente, nada a mortifica. Absolutamente tudo coopera para esse grande processo rumo a maior realização psíquica humana: encontrar-se com o seu eu verdadeiro, ou seja, afirmar-se como um indivíduo único, consciente de suas potencialidades, um ser de personalidade.

Enfim, assim como pontua Candido (2009), pelo seu caráter mimético ou fictício a partir da realidade empírica, a literatura ficcional constrói um paralelo entre pessoas reais e fictícias, mostrando que a visão que temos de ser humano é sempre fragmentada e limitada, então, o ser humano como personagem, é um ser configurado esquematicamente, física e psiquicamente.

TWO SOULS? PHENOMENON OF PERSONALITY IN “MIRROR”

ABSTRACT

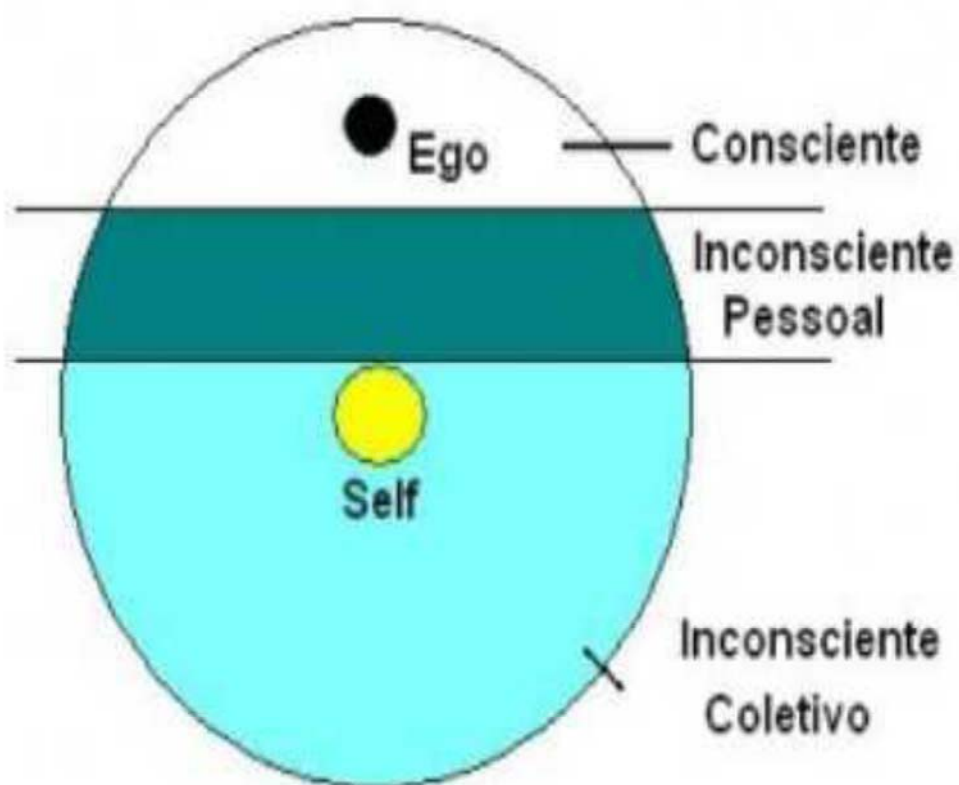
Through the analysis of the behavior of the protagonist of "*Mirror*", Machado de Assis, from the perspective of Analytical Psychology, Jung theory, the present article aims to discuss about the process that encompasses the phenomenon of personality represented by the protagonist. The observed person (Joãozinho), dependent on the status conferred on him by the position occupied, becomes only "ensign", forgetting to be "man" to the point of freaking out when perceived alone. All that happened, that is, everything that is externally manifested in the life of the analyzed character is the consequence of a great psychic connection, called individuation. The reading is based on the ideas of Jung (1972-1985-2000), which are seen more frequently in Hall & Nordby (2000) and also in Nise da Silveira (1981), besides Alfredo Bosi (2007), Antonio Candido (2009) among other authors used in the discussion. From the narrative in question, it is possible to verify how difficult it is to remain totally balanced all the time, considering that the processo f personality formation (individuation) is continuous and, despite being innate, it is influenced by the environment in which the individual is inserted.

Keywords: Literature, Analytical Psychology, personality.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Papeis avulsos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma no olhar**. 4ª ed. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2007.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio., GOMES., Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- HALL, Calvin S; NORDBY, Vernon J. **Introdução à Psicologia Junguiana**. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 2000.
- JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. Tradução: Frei Valdemar do Amaral. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Lúiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- FERRARI, Juliana Spinelli. **Jung e a construção da psicologia analítica**. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/psicologia/jung.htm>
Acesso em 24 de julho de 2017.
- NASCENTES, Zama Caixeta. **Psicanálise e Literatura: uma leitura de O Espelho de Machado de Assis**. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/zama3.htm>
Acesso em: 14 Dezembro 2016
- SANTANA, Leonardo. **Simbolismo do fogo e tentativas de suicídio**. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/handle/123456789/3052>
Acesso em: 04 Março 2017.

ANEXO A – APARELHO PSÍQUICO

MODELO DO APARELHO
PSÍQUICO HUMANO

Self: centro do psiquismo total
Ego: centro da consciência

Imagem disponível em: <http://paulorogeriadamotta.com.br/psique-dicionario-junquiano/>